

Circular

Escola
Waldorf
São Paulo
05/2018 - nº 83

Ritual de Passagem do 1º ano

Maria Paula Z. C. Rosa – mãe da Maria Clara (1º ano), Thiago (5º ano) e Giovanna (7º ano)

O tão esperado primeiro dia de aula do Primeiro Ano. O dia 31 de janeiro de 2018 já era um dia muito esperado desde antes do fim do ano passado pela Maria Clara, nossa terceira filha. Com dois irmãos mais velhos (Giovanna, 7º ano, e Thiago, 5º ano), a vontade e a sede de aprender a ler e escrever, ter lições de casa e novos desafios como seus irmãos era imensa. Além disso, nossa família também estava muito ansiosa por passar por esse momento, já que ingressamos em 2016 na Escola e também nessa pedagogia, que dá significado e valor a cada etapa do desenvolvimento da criança de forma muito sensível. Era um momento muito aguardado por todos nós.



Quando chegamos à Escola fomos para o Salão e encontramos um lindo e delicado arco de flores. A Tia Deolinda e todas as professoras do Jardim nos recepcionaram e dividiram conosco a alegria de verem as crianças passarem para uma nova fase e a saudade que todos nós sentiríamos do tempo do Jardim. Os irmãos foram chamados para participar e a cerimônia começou com uma apresentação que o Oitavo Ano preparou, cantando uma música para todos nós. É muito especial ver o envolvimento e a interação que a Escola proporciona entre as turmas ao longo de todos os anos de escolaridade.

Após esse presente oferecido pelo oitavo ano, Tia Deolinda fez a apresentação da nova professora, já conhecida pelos pais, mas não pelas crianças. Elas estavam curiosas para saber quem agora seria responsável por elas nesse novo caminho que se abria. Para nossa pequena Clarinha foi uma notícia muito boa, já que ela a conhecia, pois foi professora de seu irmão nos últimos dois anos. Clarinha estava bem tranquila e feliz com a novidade. Dona Ana Angélica, muito doce e serena, apresentou-se e contou um pouco sobre sua trajetória. Cada criança foi entregue a ela por seus pais, e assim descobrimos quais seriam os amigos que, juntamente com a nossa filha, formariam a turma do Primeiro Ano da Waldorf São Paulo de 2018. Dona Ana Angélica presenteou cada criança com uma flor e, unidas numa fila, atravessaram o lindo Portal de Flores simbolizando a entrada em um novo mundo de grandes descobertas e aprendizados pelo qual irão navegar nos próximos anos.



As crianças seguiram com a Dona Ana Angélica para conhecerem a nova sala, apresentarem-se para o grupo e ouvirem uma história. Enquanto isso nós, pais, ficamos no Salão e ouvimos a história que foi contada pela Tia Deolinda. Lá recebemos informações e orientações das coordenadoras do Ensino Fundamental, Dona Marta e Dona Maruca. Ao final da cerimônia, pudemos conhecer a sala das crianças, onde havia um desenho na lousa tão lindo e delicado como tudo que a Escola alimenta na alma de seus alunos.

Para nós, pais da Clarinha, foi um momento de grande alegria e emoção, e estamos seguros de entregar nossa filha — para trilhar essa importante etapa da sua vida juntamente com esse grupo — à querida Dona Ana Angélica. Boa sorte, Primeiro Ano, nessa encantadora caminhada que está por vir! 🏠

Festa da Páscoa

Carlos Maranhão - Sacerdote da Comunidade de Cristãos de Florianópolis

O que significa celebrar a Páscoa, a grande festa da ressurreição do Cristo, em nossos dias? A tradição nos mostra esse grande evento como o ponto central do Cristianismo. Podemos dizer também, como o fazia Rudolf Steiner, o ponto central do desenvolvimento da humanidade: a transição dos tempos, o Mistério do Gólgota, o grande sacrifício de Cristo para a salvação da humanidade.

Assim buscamos símbolos e vivências que possam produzir imagens de morte e de renascimento: a imagem da lagarta e da borboleta, o plantio do trigo na época da Paixão e a observação do brotar e do crescer do trigo na Páscoa. E tudo isso está certo, queremos atualizar o sentimento do que significa o processo de transformação de morte em vida como um dos fatores fundamentais de nossa existência. Mas isso ainda não responde à pergunta: o que significa essa festa em nossos dias? Como podemos receber, a partir de sua vivência, forças de ressurreição, forças para o nosso próprio renascimento?

Vivemos uma época de extrema complexidade, em que muitos vivenciam a perplexidade diante das contradições ao nosso redor, perto e longe. Aliás, o perto e o longe se relativizaram com as tecnologias de comunicação — o que de certa forma, torna a observação do nosso planeta, como nunca, algo muito presente. Convivemos com uma epidemia de problemas psíquicos: a doença que mais afeta as pessoas no mundo é a depressão. Podemos ver isso como sintoma de crise da vida, da busca de sentido. Qual o sentido de nossa existência na Terra hoje? A falta de uma resposta contundente a essa pergunta é o que leva muitas pessoas, principalmente os jovens, a um vazio existencial.

E não são argumentos intelectuais que podem diminuir essa angústia existencial. Os jovens, principalmente, querem não só argumentos, mas sobretudo fatos e exemplos que possam demonstrar que a humanidade vive, justamente em nossa época, um momento de despertar da consciência. Um momento de ressurreição.

Do contrário, vejamos: quando antes houve tanta luta pela busca do equilíbrio ecológico? Quando antes houve crianças que, espontaneamente, decidem não comer mais animais (a despeito do exemplo contrário dos pais)? Quando antes houve uma crescente preocupação com o processo de produção e consumo consciente de alimentos? Esse tipo de despertar da consciência não está diretamente relacionado a um vínculo mais ou menos forte com religiões instituídas. Até mesmo pessoas que se dizem ateias compartilham dessa renovação de valores.

Podemos buscar, ainda, na história da humanidade, os grandes traços de transformação da consciência a partir do Mistério do Gólgota. Com esse mistério, surgiu o convite de não deixar que o nascimento na Terra bastasse para nossa existência, mas de nela fazer a conversão, o renascimento em Cristo.

Esse aprendizado da alma precisou ser cultivado ao longo dos séculos. Até o século XIX, a humanidade ainda mantinha o costume de ver o espiritual divino por meio dos antepassados.

A partir de então, surgiu a grande catástrofe do abandono de Deus. Surgia o tempo do Protestantismo, em que prevalecia somente a Escritura. Mas no século XIX também o correto entendimento da Escritura caiu, e hoje temos cristãos sem um Cristianismo no qual se possa reconhecer o entendimento de seu significado.





Surgiu então, a partir do século XX, a necessidade de reencontrar o acontecimento do Gólgota. Escritura e tradição não tinham mais significado para os homens. Ainda não se havia acendido a luz para um novo reconhecimento dos acontecimentos do Gólgota. (Vide Rudolf Steiner, Ga 198, quinta palestra, 3.4.1920, Dornach).

Também Rudolf Frieling, um dos sacerdotes fundadores da Comunidade de Cristãos, viu no desenvolvimento do Cristianismo uma transição da postura do homem: de uma visão da Terra como lar ou como exílio.

Em seu texto, "Terra, exílio ou lar", citou Horácio, poeta do primeiro século antes de Cristo: "Mais cedo ou mais tarde, salta da urna do destino nossa imortalidade e nos envia ao eterno exílio — o definitivo desterro de nosso lar: estar aqui é tudo".

Mil anos depois, o monge cristão Hermanus Contractus de Reichenau escreveu: "A ti clamamos nós, filhos de Eva, pois vivemos no exílio, lamentando nesse vale de lágrimas".

Ambas as posições são relevantes hoje, pois, por um lado, temos o materialismo absoluto que não reconhece outra realidade a não ser o mundo físico, e que vorazmente explora o terreno e o destrói; por outro lado, temos os movimentos fundamentalistas que desprezam o terreno em nome da eternidade divina, mas representada apenas numa visão literal das escrituras. Eis aí o perigo de nos mantermos nas polaridades. Precisamos buscar um meio termo entre o "estar aqui é tudo" e o "estar aqui é nada".

Esse meio termo é o próprio Cristo. O entendimento do mistério da ressurreição não está nem na iluminação do "eterno", nem na supervalorização do "temporal", mas trata-se de "um novo céu e uma nova terra", como aparece no capítulo 21 do Apocalipse de João. A ressurreição de Cristo colocou em marcha a transformação da Terra, ensinando o impulso de tornar possível a ligação do terreno com o suprassensível.

A forma moderna de compreensão do Cristo ensejada pela Antroposofia nos traz uma nova forma de buscar, na "imitação d'Ele", o caminho do autodesenvolvimento. Não se trata nem do "estar aqui é tudo", nem do "estar aqui é nada", mas de uma religação do terreno com o divino, do sensível com o suprassensível. Assim podemos nos alegrar com a beleza da Terra em sua nova forma, a reunião da humanidade terrena com Deus.

Essa visão não despreza a Terra e vê a existência terrena como oportunidade de aprendizado e de transformação.

Após a ressurreição, Cristo, na ascensão, disse aos discípulos que, no futuro, estes deveriam ser suas testemunhas "até o fim da Terra". Ele se retira abençoando os discípulos e a Terra.


A palavra "Terra" foi a última a ser pronunciada por Cristo. A bênção dos discípulos é como uma atribuição da tarefa de transformar a Terra e realizar a promessa de uma "nova Jerusalém".

Ela não será um presente gratuito entregue aos homens por bom comportamento. Nós somos os herdeiros dos discípulos de Cristo. Isso nos torna Seus discípulos e, por conseguinte, os guardiões da Terra no futuro.

Para executar a tarefa de transformação da Terra de "exílio" em "lar", é preciso que haja a transformação de cada indivíduo. Não se trata de carregar uma bandeira ideológica em nome de uma nova utopia, mas de poder, um dia, num futuro indeterminado, realizar a utopia pela autotransformação.

Não precisamos ficar ansiosos para realizar essa tarefa com urgência, mas cada passo que damos em nosso processo de autotransformação nos aproxima paulatinamente desse objetivo.

Só a soma de indivíduos renascidos pode realizar o novo lar na Terra. A conscientização dessa tarefa por cada indivíduo, por cada "Eu", é o legado da nova compreensão do Mistério do Gólgota pela Antroposofia.

Esse novo entendimento do Mistério da Ressurreição é a nova forma de festejar a Páscoa, não apenas com imagens, mas sobretudo com verdade interior. 

Estágio Agrícola, 9º ano

Mãos que trabalham, plantam e colhem

Diego Laina - Tutor do 9º ano e prof. de Educação Física, e Miguel Garcia - prof. de Geografia do EM

Entre os dias 4 e 9 de março, os alunos do 9º ano vivenciaram o Estágio Rural em São Francisco Xavier. Durante essa semana, os alunos trabalharam plantando e colhendo na horta, no manejo de animais, com a apicultura e com a bioconstrução.

Experimentar diferentes modos de vida é, também, perceber o valor do trabalho do outro, bem como a importância dos frutos que são colhidos de todo esse esforço. Afinal, o que vem do supermercado, às vezes de maneira tão fácil, também carrega a sua vida e história.

Relatos de alguns alunos sobre a viagem:

"No início da viagem, eu esperava odiar, mas ao longo dela eu percebi que trabalhar me fazia muito bem, e que a vivência com meus colegas e amigos da classe me aproximou mais deles e, no final da viagem, eu comecei a sentir um pouco de falta de tudo aquilo; e tudo o que aprendi sobre agricultura e sobre mim mesmo vou levar para o resto da vida". **(Guilherme Fidalgo)**

"Esta viagem foi uma das mais maravilhosas experiências que tive. Uma oportunidade de ver com outros olhos cada coisa, abrir a mente para novas descobertas. Cada momento foi significativo: a emoção penetrando em meu corpo quando nós chegamos, as cores mais vivas das plantas irradiando em meu olhar, o vento fresco deslizando em minha pele, meus músculos tensos quando carregávamos baldes para fazer o muro, o arder dos raios de sol aquecendo minha pele, o coração pulsando quando um desafio estava na minha frente; a calma do fim da tarde, a alegria dos momentos únicos de felicidade; o ouvir das conversas no jantar, as risadas alegres das brincadeiras, os momentos tensos que passei, a visão maravilhada ao olhar as abelhas, minha mente aberta a cada nova descoberta, o sono encerrando o dia que passou. Todos esses momentos que passamos marcaram o meu ser". **(Julia Escobar Zambeli)**



"Na segunda semana de março, eu e minha sala fomos em uma viagem participar do estágio rural. No início eu achei que seria uma semana inteira catando cocô, mas foi muito mais do que isso. No primeiro dia nós começamos a construção de um muro. Quando aquele muro ficou pronto, nossa, me senti tão orgulhosa, ele estava incrível. No segundo dia fomos, literalmente, catar cocô. Recolhemos as fezes do carneiro e da vaca, aquilo era bem fedido e pesado, mas no final fomos recompensados com um bom banho de cachoeira. Nós aprendemos sobre as abelhas e, caramba, elas têm uma organização social incrível! Achei muito bonito o trabalho que o pessoal do sítio faz com as abelhas.

No dia seguinte nós fomos ver de perto o apiário, e eu achei admirável a quantidade de abelhas e mel. No final desse dia trabalhamos na horta e finalizamos o muro. O último dia! Eu trabalhei na cozinha a manhã inteira, e depois do almoço fomos plantar pupunha. Eu adorei a viagem, e foi muito gostoso passar esta semana com meus amigos e professores queridos". **(Tiê Sanches Coelho)**

"Acho que o trabalho árduo, a experiência de vivenciar uma vida mais simples e mais rigorosa são muito importantes de se ter. Principalmente agora, nesta fase da vida em que eu e meus amigos estamos, a fase da "preguiça" e do "desleixo", mas também a melhor fase para se aprender a viver. E a vida no campo (bem diferente da vida na cidade, devo dizer) é o melhor exemplo de, realmente, "vida". Antigamente, éramos basicamente todos assim. Cultivando, cuidando do gado. Todos na subsistência. Nenhuma experiência seria melhor do que voltar aos tempos quando tudo era simples, porém agora com um toque de modernidade. Alguns instrumentos novos, alguns aparelhos e roupas para facilitarem o manejo com a terra ou com colmeias de abelhas. Celulares, câmeras, fogão... Enfim, não deixa de ser o século XXI. Esse é um estilo de vida em que as pessoas realmente dão valor ao que têm. Na cidade temos tudo com acesso muito fácil. Quer frutas e legumes? Tem um mercado a cada esquina. Quer fazer suas necessidades básicas? Tem banheiro até no meio da rua. Na "roça" não! Você cultiva o que vai comer, você constrói seu próprio banheiro (ou faz no matinho, mesmo). Enfim, é uma experiência necessária se você quiser aprender a dar valor ao que tem. Levarei isso para o resto da vida, e aposto que meus colegas também". **(Augusto A. X. dos Santos)**

Festa Semestral

Rosana Rossi - Prof^a. de Música do 1º ao 5º ano do EF

Nada melhor do que uma Festa Semestral para podermos compartilhar com toda a comunidade escolar um pouco do que se faz em sala de aula. Dessa forma, os alunos têm a oportunidade de mostrar, com naturalidade, experiências vivenciadas nas aulas e podem perceber suas obras integradas em um contexto mais amplo.

Nossa Festa aconteceu no sábado, 14/4/18, e, apesar da previsão de chuva, fomos presenteados com uma linda manhã ensolarada. As apresentações envolveram os alunos do 2º ao 8º ano do Ensino Fundamental.

A abertura da Festa foi com a união do 6º, 7º e 8º anos cantando harmoniosamente a música "Sing to the world", do grupo "The Carpenters". Na sequência, cada sala se apresentou mostrando atividades desenvolvidas ao longo do primeiro trimestre:



foto: Paula Brandão e Thiago Justo

- **2º ANO:** Música – "A chuva/Águas cristalinas/Borboleta Azul".
Inglês – Roda "B-I-N-G-O" - "Left and Right".
Alemão – Roda "Brüderchen".
- **3º ANO:** Alemão – Roda "Auf einer bayerischen Bank".
Música – "Pescaria" (Dorival Caymmi).
- **4º ANO:** Música – "Dong Diridong" (M. Praetorius).
- **5º ANO:** Música – "O ovo" (Hermeto Pascoal).
- **6º ANO:** Alemão – música "Ich bin blank".
Música – "Vento que venta" (Marta Roca).
- **6º e 7º ANOS:** Música – "Minueto 1" (Ana Magdalena Bach).
- **7º ANO:** Música – "Le Bouffons".
Inglês – Música "Viva la vida" (Coldplay).
- **8º ANO:** Alemão – Poema "Die Loreley".
Música – "Contradança" (anônimo) e "Minueto" (L. Mozart).



foto: Paula Brandão e Thiago Justo

Para encerrar, todos os alunos se uniram para cantar com muita disposição e alegria a música "Casa Aberta", de Flavio Henrique e Chico Amaral.

E assim chegamos ao término de mais uma Festa Semestral, carregando o sentimento de gratidão por tão belos "presentes" elaborados com tanto empenho e dedicação por nossos alunos. 🏠

Estudo do Meio – 2º ano

Este foi um dia mágico para o 2º ano! Sua primeira atividade pedagógica fora da Escola, num sítio em Jaguariúna, no dia 2 de abril. As crianças foram à horta, colheram legumes e folhas, e prepararam a colheita para o almoço, que ficou uma delícia! Num grande passeio elas viram vacas, galinhas-d'angola, cavalos, quero-queros, garças, carpas e muitas formigas! Foi uma vivência única, repleta de descobertas na natureza, que as crianças guardarão com carinho na memória!

(Lúcia Sarubala - Professora de Classe do 2º ano do EF).

"Se hoje quisermos contribuir para o estabelecimento de uma parceria com a natureza, devemos possibilitar às crianças um acesso afetivo e emocional, que não se limita a uma relação intelectual ou sentimental, mas fortalece essa parceria responsável entre o homem e a natureza, sempre culminando em ações concretas." Tobias Richter

"Um passeio ao Sítio das Fontes, o primeiro passeio em grupo de nossos filhos; foi tanta empolgação que os pequenos mal dormiram! Sede de explorar e principalmente de ficar o dia todo com os amigos. Do lado dos pais, a ansiedade e insegurança de largar as crias.

Eu, juntamente com alguns pais, tive a oportunidade de acompanhar o grupo, e fiquei impressionada como tudo ocorreu.

No ônibus, uma viagem bem tranquila, cantando e escutando histórias. Chegando perto, começaram a ficar mais agitados, mas todos em seus lugares.

A primeira atividade foi se preparar para a colheita: em 2 grupos eles colheram e lavaram cenoura, rúcula e alface fresquinhas para nosso almoço. Foi incrível ver que os pais realmente eram somente um apoio ao grupo e que as crianças nem os perceberam.

Fizemos longas caminhadas, escutamos os sons dos pássaros, aprendemos sobre as fontes e, apesar de toda a área aberta, o grupo sempre se manteve junto. Observar que eles são grandiosos com os amigos, perceber de cada um os momentos de silêncio e, acima de tudo, a calma e paciência da maestra desta sala.

No fim, eu que levei o maior aprendizado: devemos deixar de lado nossos medos e aflições e evitar passá-los para nossos filhos, eles são de uma pureza incrível!" (Kristin Chu - mãe do Thomas Chu (2º ano) e Pedro Chu (Jardim Simone)).



Agenda

MAIO

31 Feriado - Corpus Christi

JUNHO

1º Emenda de feriado - Não haverá aula

7 a 10 Teatro 11º ano

21 Assembléia

23 Festa da Lanterna - E.I.

JULHO

1º Festa de São João

AGOSTO

1º Início das aulas

11 e 18 Vocacional - 12º ano

23 Reunião E.I.

25 Reunião E.F.

Teatro 11º ano

Nós, alunos do 11º ano, convidamos a Comunidade a participar da "Resistência Estudantil" nos dias 7, 8 e 9/6, às 20h30, e 10/6, às 19h.

Local do encontro: Teatro da União Cultural Brasil Estados Unidos (TCU). Rua Teixeira da Silva, 560, Paraíso, São Paulo.

"Venha como vier, com as ideias que tiver, resistir conosco!!", com a nossa peça **À PROVA DE FOGO** (Consuelo de Castro). 🏠

SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS:

 Escola Waldorf São Paulo

 @escolawaldorfsaopaulo

EXPEDIENTE

Comissão da Circular

Diagramação: Bene Designer

Administração: Mara Cristina Tonini



**Escola
Waldorf
São Paulo**

Rua Baluarte, 111 - Vila Olímpia
São Paulo - SP - 04549-010

Tel.: 30442000 - e-mail: escola@waldorf.com.br